

# *Metadiscorso na perspectiva de Hyland: Definições, modelos de categorização e possíveis contribuições.*

Metadiscourse from Hyland's perspective:  
definitions, categorization models, and possible contributions.

*Adriana da Silva*

Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil

**Resumo:** Metadiscorso é um campo de estudo que recebeu muita atenção em diferentes áreas do estudo da linguagem a partir de diferentes perspectivas teóricas e pode ser considerado como uma corporificação das relações de interação entre interlocutores através do texto. É importante pensar nas dificuldades para a definição do termo metadiscorso. Sendo assim, este artigo tem o objetivo de apresentar as definições comumente usadas, indicar alguns modelos ou quadros teóricos que trabalham com esse conceito e apontar possíveis aplicações desses estudos. Apresentam-se algumas perspectivas teóricas e práticas de forma a contribuir para estudos desenvolvidos com base nesse conceito, oferecendo subsídios para futuras pesquisas em diferentes esferas sociais.

**Palavras-chave:** Metadiscorso. Interação. Posicionamento/instanciamento. Engajamento. Escrita.

**Abstract:** Metadiscourse is a field of study that has received much attention in different areas of the study of language from various theoretical perspectives and it can be considered as the embodiment of the relations of interaction between interlocutors through the text. It is relevant to thinking about the difficulties of defining the term metadiscourse, and so this article intends to present the definitions commonly used, to indicate some models or theoretical frameworks that work with this concept and to point possible applications of these studies. It presents some theoretical and practical perspectives in the study of this theme, and it intends to offer a subsidy for future research in different social spheres.

**Key-words:** Metadiscourse. Interaction. Stance. Engagement. Writing.

## 1. Introdução

O estudo e o processo de ensino-aprendizagem da escrita acadêmica passaram a ser amplamente apresentados em artigos, dissertações e teses acadêmicas a partir de diferentes perspectivas metodológicas e teóricas. Na tentativa de se achar um modelo que levasse em consideração o caráter interativo da linguagem nas atividades de leitura e escrita, baseando-se na relação entre leitores e autores via texto/discurso, o modelo de metadiscorso proposto por Hyland e Tse (2004) e Hyland (2005a) surge como uma perspectiva interessante para os estudos acadêmicos, mas também como possibilidade para a análise de gêneros de outras esferas sociais.

Os estudos do letramento acadêmico partem do pressuposto de interação entre produtores de textos e leitores da esfera acadêmica, mas diferentes modelos teóricos tentam abordar essa interação a fim de explicitá-la linguisticamente. O modelo de metadiscorso apresentado por esses autores pretende explicitar como os recursos linguísticos presentes na superfície textual ajudam a guiar o leitor e também o envolvem nas intenções do escritor. Trata-se de uma forma de visualizar nos textos as relações de interação entre autor e leitor, mas Hyland (2005a) alerta que o metadiscorso pode ser visto como um termo guarda-chuva amplamente conhecido por analistas do discurso, muito usado nos estudos de Linguística Aplicada, podendo ser subteorizado ou empiricamente vago. Nesses estudos, muitas vezes, utilizam-se das ferramentas da Linguística de Corpus e, recentemente, chamou a atenção dos estudiosos da Linguística Textual (CAVALCANTE, 1998). Mesmo assim, os estudos no Brasil baseados nesse modelo teórico ainda são restritos e, muitas vezes, ainda encontram a língua como um problema, pois muitos desses estudos foram feitos e divulgados em língua inglesa.

Considera-se um modelo de análise do texto interessante, mas pouco divulgado no Brasil e, dessa forma, pode-se promover a disseminação desse conhecimento entre alunos, professores e possíveis pesquisadores interessados na temática. Na verdade, o trabalho realizado por Hyland (2005a), apresenta um modelo que teve como fonte diferentes autores e diz respeito ao seu trabalho com gêneros acadêmicos na Linguística Aplicada ao longo de mais de uma década.

O artigo está dividido em cinco partes: na primeira, apresenta-se o objetivo deste trabalho; na segunda, faz-se uma incursão pelas diferentes definições de pesquisadores para o metadiscorso; na terceira, in-

veste-se na apresentação de diferentes modelos de estudo da temática, com ênfase nas categorizações apresentadas nos trabalhos de Hyland (2005 a e 2005b); na quarta, são indicadas possíveis relações entre metadiscorso e ensino e, na quinta, as considerações finais deste artigo são expostas.

## 2. Os conceitos de metadiscorso

Os estudos mais consistentes sobre o metadiscorso tiveram início na década de 90, mas conforme ressaltam Hyland e Tse (2004), desde a década anterior, pesquisas já usavam esse termo. Metadiscorso é um conceito familiar aos estudos da escrita, da leitura e da estrutura textual, mas, como alertam Hyland e Tse (2004, p.156), “frequentemente é erroneamente caracterizado como ‘discurso sobre o discurso’” (grifos dos autores). Assim, justifica-se uma análise dos conceitos atribuídos ao termo e indicações de diferentes perspectivas teóricas envolvidas nesse processo<sup>1</sup>.

No mesmo artigo (HYLAND; TSE, 2004, p.156), os autores afirmam que “o metadiscorso continua inferiormente teorizado e empiricamente vago”. Isso acontece pois muitos pesquisadores usam o termo e o classificam de acordo com suas expectativas e necessidades. Para adotarmos um conceito mais preciso é necessário verificar o que diferentes autores postulam.

Hyland e Tse (2004, p.157), retomam a definição dada por Hyland (2000, p.109) e afirmam que “o metadiscorso é definido como elementos linguísticos que são usados para organizar um discurso ou que indicam a postura do escritor em relação tanto ao seu conteúdo quanto ao seu leitor”. É importante investir no metadiscorso, pois ele pode indicar caminhos para a interação leitor e escritor via texto<sup>2</sup>. Os modelos interacionais de leitura e escrita indicam essa interação, mas o metadiscorso pode materializar e levar o leitor a perceber isso através do uso de mecanismos linguísticos.

Como ressalta Silva (2008, p. 29), ao discutir o processo de interação na leitura, “Estudar as relações entre escritor/texto/leitor sem-

---

1 Cabe ressaltar aqui que as traduções feitas neste trabalho serão traduções livres elaboradas pela autora e, algumas vezes, propositalmente, alguns itens lexicais não serão traduzidos, pois ainda precisam ser melhor repensados em função da relação do trabalho de Hyland com a Linguística Sistêmico Funcional e a Linguística Aplicada.

2 De acordo com Halliday e Hasan (1976, p.1), texto diz respeito a qualquer passagem falada ou escrita, de qualquer tamanho e que forma um todo significativo.

pre fascina, pois entender como este é capaz de compreender um texto implica em lidar, tanto com conhecimentos linguísticos quanto com extralinguísticos.” Na escrita, o produtor textual não lida apenas com aspectos linguísticos, mas, de forma estratégica, planeja e organiza a sua produção, deixando pistas para que seu leitor compreenda o texto<sup>3</sup>. Assim como o leitor deve ativar esses diferentes conhecimentos para interagir com o escritor e compreender o texto.

Hyland (2005a, p. ix) afirma que o conceito de metadiscorso é baseado na escrita como engajamento social, pois possibilita ao escritor<sup>4</sup>, por exemplo, criar um texto convincente e coerente em contextos sociais particulares. No mesmo livro, o autor considera que:

O metadiscorso é um conceito relativo no qual os itens textuais só funcionam como metadiscorso em relação a outra parte do texto. Assim, o que pode ser metadiscorso em um contexto retórico pode expressar o material proposicional em outro, e as análises devem sempre examinar cada item individualmente para determinar sua função. (HYLAND, 2005a, p.24).

O autor usa o termo *proposição* em seu texto várias vezes, mas não define uma proposição. De modo simplista, uma proposição pode ser vista como um conjunto de ideias e de suas relações para representar o significado de uma frase, mas em Hyland e Tse (2004), os autores afirmam que o metadiscorso é diferente dos aspectos proposicionais. Eles retomam a definição de Vande Kopple (1995) e afirmam que o autor é vago ao definir o termo proposição, pois considera que a proposição diz respeito a pensamentos, atores ou estados de pessoas, tudo que está no mundo e fora do texto, ou seja, extratextual<sup>5</sup>. Os próprios autores (Hyland; Tse, 2004, p.161) conclamam que o foco não deve ser “a distinção inútil” entre o proposicional e o metadis-

3 Koch (2002, p.19) compara o texto com “o jogo da linguagem”, segundo o qual os “estrategistas” se valem de processos de ordem sociocognitiva, interacional e textual na produção e percepção do sentido.

4 O texto é uma unidade de sentido falada ou escrita, mas, neste trabalho, ocupa-se especificamente do texto escrito e acadêmico.

5 Hyland e Tse (2004, p. 159-160) citam Halliday (1994), para quem, segundo eles, o material proposicional é algo que pode ser discutido, afirmado, negado, duvidado, insistido, qualificado, temperado, lamentado, e assim por diante. Trata-se de uma definição que precisa ser mais aprofundada em outros trabalhos.

curso, indicando “a necessidade de se recuperar o vínculo entre as formas pelas quais os escritores se introduzem em seus textos para organizá-los e comentá-los para que sejam apropriados a um contexto retórico particular.”(HYLAND; TSE, 2004, p. 161).

No livro, Hyland (2005a) afirma que o termo metadiscorso foi cunhado por Harris em 1959 e, depois, desenvolvido por autores como Williams (1981), Kopple (1985) e Crismore (1989). Já nas últimas décadas, os estudos priorizaram uma relação de linguagem humana como interação e engajamento entre produtores e leitores, por exemplo, por tratarmos do processo da escrita. O autor ainda esclarece que:

O metadiscorso é, portanto, um elo importante entre um texto e seu contexto, uma vez que aponta para as expectativas que os leitores têm para certas formas de interação e engajamento. Ele destaca o papel dialógico do discurso, revelando a compreensão de um escritor de uma audiência através das formas como aborda os leitores e as suas necessidades. Estas expectativas são sociais, afetivas e cognitivas, baseadas nas crenças e valores dos participantes, em suas metas individuais e em suas experiências com textos semelhantes no passado. (HYLAND, 2005a, p.13).

Percebe-se que o autor está preocupado com a noção de engajamento social que permite a comunicação via texto. Na perspectiva dele (2005a, p. 14), “o metadiscorso são aspectos textuais que explicitamente organizam um discurso ou uma postura do escritor em relação ao seu conteúdo ou ao leitor.” Ou seja, a interação entre autor e leitor se materializa em elementos linguísticos do texto.

## **2.1 Os modelos de metadiscorso**

O metadiscorso possibilita a análise de como um autor produz um texto, um gênero qualquer e, nele, organiza o seu sistema de argumentação e persuasão. Existem diferentes taxonomias que propõem a categorização do metadiscorso, mas, como ressalta Hyland (2005a), elas costumam ter como base a categorização proposta por Vande Kopple (1985).

Por sua vez, deve-se ressaltar que esses trabalhos tiveram como fonte as funções textual e intertextual apresentadas por Halliday (1994). Em seu trabalho, o pesquisador apresenta um modelo com dois tipos de

marcadores metadiscursivos: o textual, composto pelas subcategorias: conectividade textual, códigos de glosa, marcadores de validade e narradores, e o interpessoal que se subdivide em marcadores ilocucionais, marcadores de atitude e comentários. Essa taxonomia sofreu alterações em seus trabalhos posteriores.

Com base nesse modelo, Amirousefi e Rasek (2010) apresentaram outra taxonomia com uma subdivisão da categoria textual e outras subcategorias. A partir das pesquisas com textos acadêmicos, Hyland e Tse (2004) utilizaram um modelo com as mesmas categorias apresentadas por Vande Koppe, mas com algumas diferenças nas subcategorias e esse modelo foi mais detalhado no livro de Hyland (2005a). Depois, Adel (2006), uma autora nórdica, também tentou esclarecer o conceito de metadiscorso. Para se perceber a importância do tema, em 2010, a revista *Nordic Journal of English Studies* dedicou um volume inteiro aos estudos do metadiscorso, levando em consideração diferentes perspectivas que contou com a contribuição de artigos de Hyland e Crismore *et al*, por exemplo, disponível em: <http://ojs.uib.no/ojs/index.php/njes/issue/view/49>. Posteriormente, Flowerdew (2015), ao estudar os nomes sinalizadores no metadiscorso, retomou esses modelos com suas respectivas categorias e subcategorias para demonstrar os caminhos que tomara em seus estudos sobre a temática.

Neste trabalho, esses modelos não são investigados detalhadamente, só se pretende demonstrar que se trata de um tema de pesquisa interessante que instiga diferentes pesquisadores com diferentes perspectivas, mas que apontam algumas convergências de ideias, demonstrando a necessidade de se estudar essa temática e adotar também uma determinada perspectiva teórica para que se possa subsidiar futuros trabalhos em língua portuguesa.

Assim, neste trabalho, adota-se a perspectiva de Hyland (2005a e 2005b), cujas pesquisas se direcionaram para o texto acadêmico, principalmente, os artigos de diferentes áreas do conhecimento científico, demonstrando variações na escrita de acordo com as comunidades acadêmicas. Cabe ressaltar aqui que o pesquisador se dedica ao estudo de textos acadêmicos, mas que o modelo proposto pode ser aplicado também em gêneros de outras esferas. Além disso, optou-se pela proposta de Hyland (2005a) por identificar que esse autor também se preocupa com a questão do ensino do metadiscorso em sala de aula, pois desenvolve também trabalhos em Linguística Aplicada.

### **2.1.2 O modelo de metadiscorso apresentado por Hyland (2005a)**

Em seu livro, o autor afirma que “propõe um modelo de metadiscorso teoricamente mais robusto e analiticamente mais confiável, baseado em uma série de princípios fundamentais e que oferece critérios claros para identificar e codificar suas características” (Hyland, 2005a, p.37). Logo em seguida, o autor afirma que “as características retóricas podem ser entendidas e percebidas como significativas somente nos contextos em que elas ocorrem” e ainda ressalta que “o metadiscorso deve ser analisado como parte das práticas, valores e ideias de uma comunidade”. Ainda de acordo com ele, o modelo de metadiscorso possibilita visualizar princípios fundamentais do texto e oferecer critérios claros para identificar e codificar as características de persuasão criadas nele (Hyland, 2005a).

Além disso, Hyland afirma que “os discursos são estruturados de forma particular, de acordo com os grupos de usuários particulares” (Hyland, 2005a, p.37). É importante ressaltar que ele se dedica aos estudos dos gêneros acadêmicos e está preocupado com a questão da identidade acadêmica e das diferentes formas de escrita de autores de diferentes áreas do conhecimento.

De acordo com o pesquisador (2005a, p. 37), “metadiscorso é um termo que engloba as expressões autorreflexivas usadas para negociar significados interacionais em um texto, auxiliando o escritor (ou falante) a expressar um ponto de vista e se envolver com os leitores como membros de uma determinada comunidade.” O próprio autor ressalta que elementos importantes para a elaboração desse conceito são “a relação interpessoal, a avaliação, o posicionamento<sup>6</sup> e o engajamento”, que dizem respeito às relações de interação entre os usuários da língua, no caso da escrita, a relação entre escritor e leitor. Esses elementos permitem ver a construção da argumentação do autor via texto e também possibilitam a interação entre autor e leitor a partir do próprio texto. Deve-se ressaltar ainda que nessa interação, elementos discursivos e contextuais também são levados em consideração.

---

6 Vian Jr (2012) prefere traduzir *stance* como instanciamento em concordância com a tradução de termos da Sistemico Funcional. Iniciou-se o trabalho traduzindo como posicionamento, depois utilizou-se o termo posicionamento usado, por exemplo, em Cavalcante (1998) e Faria (2009), mas acredita-se que essas questões de tradução devem ser reformuladas em trabalhos futuros a partir da perspectiva dos estudos da Gramática Sistemico Funcional.

### 2.1.3 A classificação de metadiscursos na perspectiva de Hyland (2005a e 2005b)

Anteriormente, ressaltou-se que o modelo de metadiscursos usado por Hyland (2005a) foi o desenvolvimento de modelos propostos por outros autores e o pesquisador foi aperfeiçoando de acordo com suas necessidades nos estudos de gêneros acadêmicos. De acordo com ele, o metadiscursos é composto por duas categorias maiores, a interativa e a interacional que são subcategorizadas. No Quadro 1, apresenta-se o modelo proposto em seu livro *Metadiscursos*:

<i>Categorias</i>	<i>Funções</i>	<i>Exemplos</i>
<b>Interativa</b>	<b>Ajudar a guiar o leitor através dos recursos do texto</b>	<b>Recursos</b>
<i>Transitions</i> <sup>7</sup> ou transições	expressam relações entre as orações principais	além disso; mas; assim; e
<i>Frame markers</i> ou marcadores de enquadramento	referem-se a atos do discurso, sequências ou estágios	Finalmente; e (por fim); para concluir; o meu propósito é
<i>Frame markers</i> ou marcadores endofóricos	referem-se a informações que estão em outras partes do texto	como notado acima (como se pode notar acima); ver Fig.; na seção 2
<i>Evidentials</i> ou evidenciadores	referem-se a informações de outros textos	de acordo com X; Z afirma (que)
<i>Code glosses</i> ou códigos de glosa - Faria (2009, p.16 nomeia essa categoria de Esclarecedores de conteúdo)	elaboram significados proposicionais	nomeadamente (a saber); por exemplo; tal como; em outras palavras
<b>Interacional</b>	<b>Envolver o leitor no texto</b>	<b>Recursos</b>
<i>Hedges</i> ou atenuadores - Faria (2009).	mantem o empenho e diálogo aberto a partir de amenizadores	pode; talvez; possivelmente, sobre
<i>Boosters</i> ou intensificadores - Faria (2009)	ênfatisam a certeza e o diálogo fechado	de fato; definitivamente; fica claro que
<i>Attitude markers</i> ou marcadores de atitude	expressam o posicionamento do autor diante de uma proposição	infelizmente; eu concordo; surpreendentemente
<i>Self mentions</i> ou automenção	explicita a referência ao autor	eu; nós; meu; mim; nosso
<i>Engagement markers</i> ou marcadores de engajamento	constroem uma relação explícita com o leitor	considere; note; você pode ver (perceber) que

Quadro 1 - O modelo interpessoal de metadiscursos apresentado por Hyland com adaptações (2005a, p. 49 - tradução livre e indicação de traduções de outros autores como, por exemplo, Faria (2009); Rocha (2011) e Pinton (2013)).

<sup>7</sup> Inicialmente, optou-se por traduzir todas as categorias, mas, depois de se verificar outros estudos, preferiu-se utilizar o nome da categoria em inglês e apresentar possibilidades de tradução, pois percebeu-se a necessidade de aprofundar em outros estudos teóricos antes de optar pela tradução (cf. VIAN JR., 2012).

Para entender essa tabela, faz-se necessário, primeiramente, diferenciar as categorias do metadiscurso. O autor, ao explicá-las, afirma que o metadiscurso é composto por essas duas dimensões: a interativa e a interacional. É através dessas dimensões que as interações entre leitor e autor ou falante e ouvinte são identificadas. De acordo com o modelo, a primeira delas está relacionada ao planejamento textual organizado pelo escritor ao considerar a sua audiência, o seu propósito comunicativo. Já a segunda, se refere a uma interação mais particular no texto, a maneira como ele se posiciona, explicita seus pontos de vista e elabora as suas avaliações, demonstrando, assim, a sua verdadeira voz. São apresentadas as categorias nas palavras do próprio autor:

A dimensão interativa	A dimensão interacional
Diz respeito à consciência do escritor de uma audiência participativa e as formas que ele ou ela pretende acomodar seus prováveis conhecimentos, interesses, expectativas retóricas e capacidades de processamento. O propósito do escritor aqui é de dar forma e restringir um texto para atender às necessidades de leitores particulares, estabelecendo argumentos para que eles recuperem interpretações e metas preferenciais do escritor. O uso de recursos desta categoria, portanto, aborda formas de organização do discurso, ao invés de experiência, demonstrando que o texto é construído tendo em mente as necessidades dos leitores. (HYLAND, 2005, p.49).	Diz respeito às maneiras como os escritores realizam a interação através de interferências e comentários sobre a sua mensagem. O objetivo do escritor aqui é fazer com que seu ponto de vista seja explícito e envolver os leitores, permitindo-lhes responder ao desdobramento do texto. Trata-se da expressão da “voz” do escritor no texto, ou a personalidade reconhecida na comunidade, e inclui as maneiras como ele ou ela transmite julgamentos e abertamente se alinha com os leitores. O metadiscurso aqui é essencialmente avaliativo e envolvente (engajado), expressando solidariedade, antecipando objeções e respondendo a um diálogo imaginado com os outros, demonstrando como o escritor trabalha conjuntamente para construir o texto com os leitores. (HYLAND, 2005, p. 49-50).

Quadro 2- Apresentação das categorias interativa e interacional do metadiscurso nas palavras de Hyland – tradução livre (2005a, p. 49-50).

Apresentadas as categorias, Hyland parte para a definição das subcategorias que as compõem. Como já foi ressaltado, a categoria interativa é usada para a organização das informações que o autor quer passar para a sua audiência e está dividida em cinco subcategorias: marcadores de transições; marcadores de enquadramento, marcadores endofóricos; evidenciadores (*evidentials*) e códigos de glossa (*code glosses*). Nas palavras de Hyland, os recursos interativos:

são utilizados para organizar as informações proposicionais de maneira que um público-alvo projetado e provável pode considerá-

-lo como coerente e convincente. Eles são claramente não apenas responsáveis pela organização do texto como a sua implantação depende do que o escritor sabe de seus leitores. Eles são consequência da avaliação que o escritor faz das capacidades de compreensão assumidas pelo leitor, entendimentos relacionados aos textos, e necessidade de orientação interpretativa, bem como a relação entre o escritor e o leitor. (HYLAND, 2005a, p.50 – tradução livre).

Como foi ressaltado anteriormente, essa categoria se subdivide em subcategorias que serão esclarecidas nas palavras do pesquisador:

Os marcadores de transição são, principalmente, conjunções e locuções adverbiais que ajudam os leitores a interpretar as conexões pragmáticas entre as etapas em um argumento. Eles sinalizam adição, causa e as relações contrastantes no pensamento do escritor, expressando relações entre trechos de discurso. (HYLAND, 2005a, p. 50 – tradução livre).

Os marcadores de transição ou *transitions* são elementos linguísticos usados entre orações que ajudam o leitor a captar as ligações entre as ideias apresentadas pelo autor.

Os marcadores de enquadramento sinalizam os limites de texto ou elementos da estrutura esquemática do texto. [...] Os itens incluídos aqui funcionam para sequenciar, etiquetar, prever e mudar argumentos, tornando o discurso mais claro para os leitores ou ouvintes. Os marcadores de enquadramento podem, portanto, ser usados para sequenciar partes do texto ou para encomendar internamente um argumento, muitas vezes, agindo como relações aditivas mais explícitas (em primeiro lugar, então, ao mesmo tempo, ao lado). Eles podem rotular explicitamente estágios do texto (para resumir, em suma, a título de introdução). Anunciam objetivos discursivos (eu discuto aqui, meu propósito é, o documento propõe, espero persuadir, existem várias razões). E podem indicar mudanças de tópico (bem, bem, bem, agora, vamos retornar a). Itens nesta categoria, portanto, fornecer informação de enquadramento sobre os elementos do discurso. (HYLAND, 2005a, p. 51 – tradução livre).

Os marcadores endofóricos são expressões que se referem a outras partes do texto (veja a Figura 2, consulte a próxima seção, como mencionado acima). Eles tornam as representações adicionais mais salientes e, portanto, disponíveis para o leitor e ajudam na recuperação de significados pretendidos pelo escritor, muitas vezes, facilitam a compreensão e o apoio de argumentos, referindo-se ao material anterior ou antecipando algo ainda por vir. Ao orientar os leitores através da discussão, eles os guiam na interpretação do discurso. (HYLAND, 2005a, p. 51 – tradução livre).

Os *evidentials*<sup>8</sup> são «representações metalinguísticas de uma ideia de outra fonte» (Thomas e Hawes, 1994: 129) que orientam a interpretação do leitor e estabelecem um comando autoral do assunto, em alguns gêneros, isso pode envolver boatos ou atribuição a uma fonte confiável; no referencial teórico, refere-se a uma literatura baseada na comunidade e fornece suporte importante para a apresentação de argumentos. (HYLAND, 2005a, p. 51-52 – tradução livre).

Os *Code glosses*<sup>9</sup> suprem as informações adicionais, por reformulação, explicação ou elaboração do que foi dito, para garantir se o leitor é capaz de recuperar o significado pretendido pelo escritor. Eles refletem as previsões do escritor sobre o conhecimento do leitor e são introduzidos por frases como *isso é chamado, em outras palavras, isto é, isto pode ser definido como, por exemplo*, etc. Alternativamente, eles são marcados por parênteses. (HYLAND, 2005a, p.52 – tradução livre).

Preferiu-se usar as palavras do autor, pois o Quadro 1 resume as ideias principais do autor para cada subcategoria, mas, para entendê-las, a explicação dele se faz necessária. Tendo sido esclarecida a categoria interativa na perspectiva de Hyland, parte-se para a categoria interacional. Para ele, essa categoria seria mais discursiva e a que realmente demonstra como os escritores se engajam, argumentam, orientam e se posicionam, levando seus leitores a construírem as interpretações para o texto. Segundo Hyland (2005a, p. 52), “esses recursos não são apenas o meio pelo qual os escritores expressam seus pontos de vista, mas

---

8 Preferiu-se não traduzir o termo neste trabalho.

9 Preferiu-se não traduzir o termo neste trabalho.

também as formas como eles se envolvem com as posições socialmente determinadas pelos outros”. Essa categoria também foi subdividida em cinco e serão apresentadas de acordo com o autor:

Adriana da  
Silva

---

52

Os *hedges*<sup>10</sup> são itens lexicais como possível, poder e talvez, que indicam a decisão do escritor para reconhecer vozes alternativas e pontos de vista e assim deter-se ao compromisso total com uma proposição. Os *hedges* enfatizam a subjetividade de uma posição, permitindo que a informação seja apresentada como uma opinião e não um fato e, portanto, abrir essa posição. [...](HYLAND, 2005a, p. 52 – tradução livre).

Os *boosters*<sup>11</sup>, por outro lado, são palavras como claramente, obviamente, e demonstrar, que permitem que escritores limitem alternativas, direcionem para pontos de vista conflitantes e expressem sua certeza no que dizem. Os *boosters* sugerem que o escritor reconhece potencialmente diversas posições, mas optou por limitar essa diversidade ao invés de aumentá-la, confrontando alternativas com uma única voz confiante. Fechando as alternativas possíveis, os *boosters* enfatizam a segurança e a construção da harmonia, marcando envolvimento com o tema e solidariedade com uma audiência, de forma a tomar uma posição conjunta contra outras vozes (Hyland, 1998a). [...](HYLAND, 2005a, p. 52-53 – tradução livre).

Os marcadores de atitude indicam a afetividade do escritor [...]. Em vez de comentar sobre o estado da informação, a sua provável relevância, confiabilidade ou verdade, os marcadores de atitude transmitem surpresa, acordo, importância, obrigação, frustração, e assim por diante. Enquanto a atitude é expressa pelo uso de subordinação, comparativos, partículas progressivas, pontuação, localização de texto, e, assim por diante, é mais explicitamente sinalizada metadiscursivamente por verbos de atitude (por exemplo, concordar, preferem), advérbios frase (infelizmente, esperançosamente) e adjetivos (apropriada, lógico, notável). (HYLAND, 2005a, p. 53 – tradução livre).

---

10 Preferiu-se não traduzir o termo neste trabalho.

11 Preferiu-se não traduzir o termo neste trabalho.

A automenção refere-se ao grau de presença explícita do autor no texto medido pela frequência de pronomes de primeira pessoa e adjetivos possessivos (eu, me, mine, exclusivo, nós, nosso, nosso). [...] Os escritores não podem evitar projetar uma impressão de si mesmos e como eles se situam em relação aos seus argumentos, sua comunidade e seus leitores. (HYLAND, 2005a, p. 53 – tradução livre).

Os marcadores de engajamento são dispositivos que tratam explicitamente dos leitores, seja para centrar a sua atenção ou incluí-los como participantes do discurso. [...], o foco na participação do leitor tem dois propósitos principais: 1. o primeiro reconhece a necessidade de atender adequadamente as expectativas de inclusão e de solidariedade disciplinar dos leitores, abordando-os como participantes em uma discussão com pronomes direcionados ao leitor (você, sua, nós, inclusive) e interjeições (a propósito, você pode perceber). 2. o segundo envolve o posicionando retórico do público, puxando os leitores para o discurso em pontos críticos, prevendo possíveis objeções, orientando-os para interpretações particulares. Estas funções são realizadas principalmente por questões diretivas (principalmente imperativos tais como ver, notar e considerar e modais de obrigação como deve, deve, tem que, etc.) e pelas referências ao conhecimento compartilhado. (HYLAND, 2005a, p. 53-54 – tradução livre).

O interessante no modelo de Metadiscorso apresentado por Hyland é que ele está preocupado com a relação texto/discurso e interação entre leitor/ouvinte e escritor/falante. Trata-se de um modelo baseado na “função primária de negociação de interações em textos” (HYLAND, 2005a, p. 59). Nas últimas décadas, os estudos do texto evoluíram muito a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas até chegar a uma proposta de texto enquanto materialização de uma interação entre leitor e autor, mas um modelo como esse pode facilitar a vida de leitores, escritores, professores e analistas de texto/discurso. Muitas vezes, por exemplo, percebe-se que orientandos interpretam textos e falas das pessoas, atribuem sentidos, sem ter um elemento textual/ discursivo para justificar sua interpretação e um modelo desse tipo pode facilitar seu trabalho e, de certa forma, torná-lo menos subjetivo. Vale ressaltar que as categorias não são estanques, mas se complementam. Elas funcionam como dois lados de uma mesma moeda, são indissociáveis, mas, didática-

mente, facilitam a análise de um texto. Isso permite que pesquisadores, por exemplo, em função de seu corpus de pesquisa, lancem olhar para determinadas categorias em detrimento de outras.

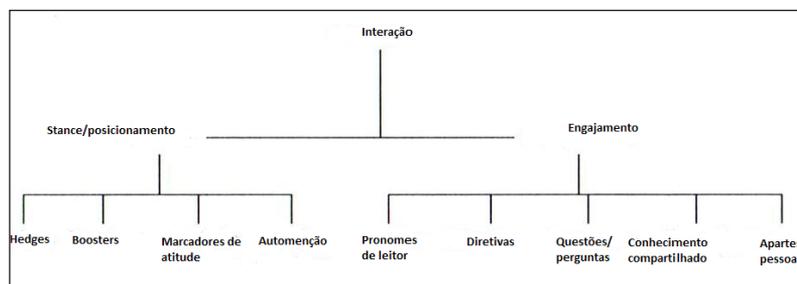
Após apresentar as categorias e suas respectivas subcategorias, Hyland (2005a) apresenta alguns resultados de suas pesquisas com dissertações de diferentes áreas de conhecimento e reconhece as limitações do modelo. Afirma que nenhum modelo pode representar totalmente uma realidade complexa. Pode-se usar aqui a metáfora da rede, pois um modelo funciona como uma rede de pesca que permite identificar alguns itens, solucionar alguns problemas, mas outros precisarão de outros modelos. Isso, de certa maneira, é que permite o desenvolvimento da ciência.

O autor também ressalta que o engajamento do autor com o texto só oferece elementos que nos indicam tal posicionamento, pois não é uma relação direta, mas dependente de fatores como gênero, cultura, comunidade e outros. Ele ainda ressalta que na análise, as subcategorias podem ser muito fluidas e as categorias podem se misturar ou assumir funções diferentes. Isso é fato, mas faz parte do trabalho do analista do texto/discurso e nenhum modelo pode ser fiel a complexidade da linguagem natural em uso, conforme ele afirma (HYLAND, 2005a).

Fica evidente que o modelo não tem a pretensão de ser uma redução da realidade, mas permite que a interação seja pensada e analisada. Ele oferece ferramentas para a análise da presença do autor no texto e de sua relação com o leitor.

#### 2.1.4 A classificação proposta por Hyland (2005b)

Em outro trabalho, Hyland (2005b) apresenta uma reformulação do modelo e deixa explícita a sua preocupação com a interação na prática textual. O modelo é apresentado abaixo:



Quadro 3 - Modelo apresentado por Hyland (2005b, p. 177) – preferiu-se não traduzir todas as categorias em função de questões teóricas já citadas no artigo.

O pesquisador apresenta o quadro 3 e ressalta que esses são elementos chave para a interação acadêmica que exige necessariamente um posicionamento do escritor. Segundo o autor, “avaliação, portanto, é fundamental para escrita acadêmica, pois como argumento eficaz, representa considerações cuidadosas dos colegas como escritores, situando a si e os seus trabalhos para refletir e dar forma a um *ethos* disciplinar valorizado.” (HYLAND, 2005b, p. 176). Em seguida, o autor apresenta duas categorias que contribuem para a dimensão interpessoal do discurso e, nas palavras dele, representam dois lados de uma mesma moeda, pois são interdependentes. Assim, para estabelecer as interações necessárias com o leitor via texto, o autor faz uso de duas categorias principais:

1. Stance - Expressam uma “voz” textual ou uma personalidade reconhecida pela comunidade, que, seguindo outros, chamarei de posicionamento. Isso pode ser visto como uma dimensão de atitude e inclui características que se referem às formas como os escritores se apresentam, assim como seus julgamentos, opiniões e compromissos. É a maneira que os escritores encontram para carimbar sua autoridade pessoal em seus argumentos ou dão um passo para trás e disfarçam seu envolvimento.
2. Engajamento - Os escritores se relacionam com seus leitores com respeito às posições avançadas no texto, que eu chamo de engajamento (Hyland, 2001). Esta é uma dimensão de alinhamento na qual os escritores reconhecem e se conectam aos outros, reconhecendo a presença dos leitores, apresentando o seu argumento, concentrando a sua atenção, reconhecendo as suas incertezas, incluindo-os como participantes do discurso e guiando-os para interpretações. (HYLAND, 2005b, p.176 – tradução livre).

O modelo de interação por ele apresentado está preocupado em identificar como o autor se posiciona diante de seu leitor no texto, a forma como interage com seu leitor, antecipando suas possíveis objeções e apresenta o seu posicionamento. Em conformidade com Faria (2009), inicialmente, preferiu-se traduzir *stance* como posicionamento para concordar com engajamento, mas outros pesquisadores questionam a tradução e preferem usar o termo instanciamento (VIAN JR., 2012). Trata-se de uma questão que merece ser mais apro-

fundada, mas não neste trabalho de apresentação da teoria, pois depende de leituras que embasaram o trabalho de Hyland e não estão claras em sua obra.

De acordo com Hyland (2005b), o autor de um texto pode prever as dificuldades que o leitor terá para acompanhar o seu posicionamento<sup>12</sup> no texto, os argumentos que poderão refutar e, assim, se antecipa de forma a persuadi-lo, criando uma linha de raciocínio. É nessa dimensão que as mudanças do modelo anterior se apresentam. Para o autor, fatores como especificidades culturais e contextos institucionais influenciarão a interação entre autor e leitor, mas não tece detalhes sobre isso. Ainda ressalta que escritores usam as estratégias de engajamento com dois propósitos:

1. Reconhecer a necessidade de atender adequadamente as expectativas de inclusão e solidariedade disciplinar do leitor. Aqui encontramos leitores abordados como participantes em uma discussão com pronomes e interjeições de leitores.
2. Posicionar retoricamente o público. Aqui o escritor guia os leitores para o discurso em ponto crítico, prevendo possíveis objeções e os guia para interpretações particulares com questões, diretivas e referências ao conhecimento compartilhado. (HYLAND, 2005b, p. 182 – tradução livre).

O próprio pesquisador afirma que essas duas funções nem sempre são distinguíveis, pois, através da linguagem, o autor interage com seu leitor em diversas frentes, mas considera que certas categorias permitem perceber como esse autor projeta o seu leitor em seus textos e como isso é feito em diferentes disciplinas, pois em seu trabalho verificou como pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento fazem isso. Essas novas subcategorias, ligadas a dimensão do engajamento são os pronomes do leitor (*reader pronouns*), os aspectos pessoais (*personal asides*), os apelos ao conhecimento compartilhado (*shared knowledge*), as diretivas (*directives*) e as perguntas /questões (*questions*). Essas categorias serão explicitadas de acordo com as palavras do autor:

---

<sup>12</sup> Enquanto não se define a melhor tradução para *stance* na teoria de Hyland, o termo será aqui traduzido como posicionamento.

Os pronomes dos leitores são talvez a maneira mais explícita de trazer os leitores para um discurso. *Você* e *o seu* são, na verdade, a maneira mais clara como um escritor pode reconhecer a presença dos leitores, mas essas formas são raras fora da filosofia, provavelmente porque implicam em uma falta de envolvimento entre os participantes. Em vez disso, há uma enorme ênfase na vinculação escritor e leitor juntos através do *nós* inclusivo, que é o dispositivo de engajamento mais frequente na escrita acadêmica. Ele envia um sinal claro de adesão textualmente construída tanto pelo escritor quanto pelo leitor como participantes com similares compreensão e objetivos. [...] Assim, *nós* ajuda a orientar os leitores através de um argumento e para se chegar a uma interpretação preferida, muitas vezes, ressaltando um posicionamento<sup>13</sup> explícito do leitor (HYLAND, 2005b, p.182-183, grifos do autor – tradução livre).

Ele chegou a essa afirmação a partir de 240 entrevistas publicadas com pesquisadores de diferentes áreas de pesquisa como, por exemplo, Biologia, Medicina, Sociologia e Linguística Aplicada.

Sobre os aspectos pessoais, o autor considera que são aqueles que ocorrem quando os escritores se dirigem diretamente aos leitores, interrompendo o argumento para oferecer um comentário sobre o que foi dito.

Enquanto os aspectos pessoais expressam algo da personalidade do escritor e a vontade de intervir explicitamente para oferecer uma visão e até mesmo uma estratégia chave para orientar o leitor. (HYLAND, 2005b, p.183 – tradução livre).

Hyland (2005b) ainda ressalta que esses elementos permitem que autor e leitor estejam engajados na comunicação sem que uma avaliação seja explicitada literalmente. Tanto em Hyland (2005b) como em Hyland (2008, p.11-12), o pesquisador usou os mesmos exemplos para essa categoria: um comentário entre hífens em um texto de um pesquisador da Linguística Aplicada – “**como acredito** que muitos profissionais de TESOL prontamente reconhecerão” e reconhecerão e outro apresentado entre parênteses por um sociólogo “(Muitas vezes, é verdade, insuficientemente pensado)”.

---

13 Lembrando que sempre que usamos posicionamento, neste texto, nos referimos a categoria *stance*.

A seguir são retomadas as explicações das outras categorias nas palavras do pesquisador:

Adriana da  
Silva

---

58

Os apelos ao conhecimento compartilhado posicionam os leitores em determinados limites de compreensão a partir de determinados conhecimentos e, aparentemente, naturalizados de entendimentos disciplinares. [...] Refiro-me simplesmente à presença de marcadores explícitos que levam os leitores a reconhecer algo tão familiar ou aceito. Obviamente, os leitores só podem concordar com o escritor, construindo algum tipo de contrato implícito sobre o que pode ser aceito, mas, muitas vezes, estas construções de solidariedade envolvem chamadas explícitas, pedindo aos leitores que se identifiquem com visões particulares. Ao fazer isso, os escritores estão realmente construindo leitores, pressupondo suas crenças, atribuindo-lhes um papel na criação do argumento, reconhecendo sua contribuição enquanto o foco do discurso se distancia do escritor para formar o papel do leitor (HYLAND, 2005b, p.183). Para exemplificar essa categoria, ele usa, por exemplo, *naturalmente* e *evidentemente* (HYLAND, 2008, p.12 – tradução livre).

As diretivas instruem o leitor a realizar uma ação ou a ver as coisas de maneira determinada pelo escritor. Elas são sinalizadas principalmente pela presença de um imperativo (como *considere*, *note* e *imagine*); por um modal de obrigação dirigido ao leitor (*como devo*, *devemos* e *deveria*) e por um adjetivo predicativo expressando o julgamento do escritor de necessidade / importância (É importante entender ...). (HYLAND, 2005b, p.184 - tradução livre).

As diretivas orientam os leitores a participarem em três tipos principais de atividade (Hyland, 2002a): textuais, físicas e cognitivas. Primeiramente, os atos textuais são usados para orientar os leitores através da discussão, guiando-os para outra parte do texto ou para outro texto [...] Em segundo lugar, os atos físicos orientam os leitores para a realização de alguma ação no mundo real.[...] Finalmente, os atos cognitivos orientam os leitores através de uma linha de raciocínio, ou os levam a compreender um ponto de uma certa maneira e são, portanto, potencialmente os mais ameaçadores tipos de diretivas. Representavam quase metade de todas as direti-

vas do corpus analisado, posicionando explicitamente os leitores, levando-os através de um argumento às reivindicações do autor ou enfatizando o que eles deveriam compreender do argumento (HYLAND, 2005b, p.184-185- tradução livre).

Em outro artigo, Hyland (2008, p. 11) reafirma que as diretivas são expressas pelos imperativos e modais de obrigação e exemplifica-as como:

- atos textuais: direcionam os leitores para outra parte do texto ou para outro texto (por exemplo, Smith 1999, referem-se à Tabela 2, etc.)

- atos físicos direcionam os leitores diretos a como realizar alguma ação no mundo real (por exemplo, abrir a válvula, aquecer a mistura).

- atos cognitivos instruem os leitores a interpretar um argumento, posicionando explicitamente os leitores, encorajando-os a notar, conceber ou considerar um argumento ou reivindicar no texto. (HYLAND, 2008, p. 11 – tradução livre).

As perguntas ou as questões são as estratégias de envolvimento dialógico por excelência, convidando o leitor a se envolver, trazendo o interlocutor para uma arena onde podem ser conduzidos os pontos de vista do autor (Hyland, 2002b). Desperta o interesse e também incentiva o leitor a explorar uma questão não resolvida, tendo o leitor como par, um parceiro de conversação, compartilhando sua curiosidade e seguindo até onde o seu argumento o conduz. (HYLAND, 2005b, p.185 tradução livre).

Ao abordar as perguntas, em seu artigo, o autor retoma os dados de seu corpus e esclarece que:

Mais de 80 por cento das questões no corpus, no entanto, eram retóricas, apresentando uma opinião como interrogativa para que o leitor pareça ser o juiz, mas na verdade não se esperava uma resposta. Este tipo de posicionamento retórico dos leitores é talvez mais óbvio quando o escritor coloca uma pergunta apenas para responder imediatamente, simultaneamente iniciando e fechando o diálogo. (HYLAND, 2005b, p.185-186 tradução livre).

Obviamente, essa categoria é representada pelo ponto de interrogação nos textos.

Em seu artigo (HYLAND, 2005b, p. 190), o autor conclui que a escrita acadêmica eficaz depende de decisões retóricas sobre as relações interpessoais entre autor e leitor. Ele apresenta um modelo de análise textual que tenta apontar como os escritores selecionam e implementam recursos linguísticos sensíveis à comunidade disciplinar na qual estão inseridos para se representarem, assim como as suas posições e os seus leitores. Deve-se ressaltar que as comunidades acadêmicas apresentam peculiaridades<sup>14</sup>.

Markowitz e Hancok (2016) verificaram que pesquisadores que fraudam dados em artigos acadêmicos adotam padrões para esconder esse comportamento a partir de elementos linguísticos. Acredita-se que o metadiscorso pode esclarecer muitos aspectos da interação entre escritor e leitor do texto acadêmico.

Hyland ainda reconhece que seu modelo sofre limitações e a proposta de categorização deve ser repensada, mas já oferece um diferencial ao tentar organizar de forma categórica os elementos que envolvem a interação autor e leitor em textos argumentativos da esfera acadêmica. Em trabalhos posteriores como Hyland (2009), o autor já acrescenta outras categorias de análise como, por exemplo, citações, verbos relatados e pacotes lexicais nas análises de textos acadêmicos. Isso demonstra uma possibilidade enorme de trabalhos com as categorias. Segundo ele:

O modelo aqui apresentado oferece uma descrição plausível da interação acadêmica e sugere como os escritores antecipam e compreendem o conhecimento de mundo de seus leitores, interesses e expectativas interpessoais para controlar como eles responder a um texto e gerenciam a impressão que eles ganham do escritor. (HYLAND, 2005b, 191 – tradução livre).

Percebe-se que se faz necessário repensar em como entender a interação autor e leitor via texto, além de conceitos como comunidade e disciplina na escrita acadêmica. O autor se propõe a fazer isso e abre espaço para outras pesquisas na esfera acadêmica, com gêneros acadêmicos, mas nada impede que esse modelo seja aplicado em outros gêne-

14 Em trabalhos recentes, Hyland aborda a questão da identidade na escrita acadêmica.

ros de outras esferas sociais, como nas pesquisas conduzidas por Faria (2009), Silva (2009), Rocha (2011) e Pinton (2013), mas pode-se afirmar que o modelo não oferece apenas respaldo teórico para pesquisas.

Trata-se de um modelo que pode ser reformulado, pois como conclui Faria (2009), ao analisar redações de alunos que se prepararam para o vestibular, percebeu que uma mesma expressão pode dizer respeito a mais de uma categoria de análise. Cabe ressaltar que Hyland (2005a) já alertava para essa sobreposição na análise de seu corpus. Rocha também identificou essa sobreposição ao estudar o gênero carta ao leitor, mas Pinton (2012) não relatou o problema na análise do mesmo gênero. Isso indica, por exemplo, a necessidade de se repensar o modelo em outras línguas e também com outros gêneros além dos acadêmicos.

### **3. A relação entre metadiscorso e ensino**

Hyland (2005a) dedica um capítulo para discutir as relações entre metadiscorso e ensino. O foco deste trabalho foi apresentar o modelo apresentado por Hyland, mas faz-se necessário indicar possibilidades de trabalhos com essa perspectiva teórica.

Segundo Hyland (2005a), conscientizar alunos e escritores sobre o metadiscorso é importante quer na escrita de língua materna, quer na escrita de língua estrangeira, pois, em primeiro lugar, isso pode ajudá-los a compreender melhor as demandas cognitivas que os textos exigem de seus leitores e as formas como os escritores podem ajudá-los a processar a informação. Em segundo lugar, os faz pensar sobre os recursos usados para expressar posicionamento/instanciamento e engajamento via texto. Em terceiro lugar, o modelo lhes permite negociar essa interação com a comunidade apropriada. Assim, o reconhecimento do metadiscorso permite a interação entre interlocutores via texto, permitindo que o escritor antecipe questões para o leitor e que esse possa se guiar pelo texto a fim de estabelecer a interação com aquele, percebendo, por exemplo, as suas intenções. Nas palavras do pesquisador, “ensinar os alunos a usar efetivamente o metadiscorso significa, essencialmente, ajudá-los a desenvolver um senso de audiência e equipá-los com os meios de se envolver com esse público de forma adequada” (HYLAND, 2005a, p. 181). O ensino do metadiscorso se faz mais relevante do que o estudo meramente gramatical, muitas vezes, seguido por professores e materiais didáticos.

Hyland (2005a) considera que professores preocupados com o ensino do metadiscorso devem ficar atentos a pontos cruciais da teoria como, por exemplo, a necessidade do escritor repensar o público alvo; os conhecimentos prévios do escritor; o papel da linguagem na interação textual; a importância das interações sociais; o uso de textos autênticos, o papel de público e da comunidade de práticas nessas interações que se concretizam no texto. Essas questões são discutidas por diferentes autores a partir de diferentes pontos de vistas, mas o modelo aqui proposto verbaliza e respalda o professor a trabalhar de forma mais consciente e objetiva com seus alunos.

Faz-se necessário apresentar o modelo para os alunos, levá-los a identificar as categorias em textos e, depois, a refletir sobre a própria escrita. Assim, pode-se afirmar que pesquisas são importantes para entender a relação entre ensino e metadiscorso em diferentes esferas educacionais.

#### **4. Considerações finais**

O metadiscorso trata das relações entre a linguística e a retórica (Hyland, 2005a), e nos permite, de certa forma, visualizar no texto os processos de interação entre escritor e leitor. Como foi ressaltado no artigo, ele possibilita a análise de como um autor produz um texto, um gênero qualquer e, nele, organiza o seu sistema de argumentação a fim de persuadir o seu leitor.

O estudo do metadiscorso pode ser abordado pela Linguística Textual, tendo como ponto de partida a escrita, por exemplo, uma perspectiva interacional (dialógica) da língua, pois quem escreve deve dialogar com seu leitor, precipitando-se, ativando determinados conhecimentos, selecionando e organizando informações, retomando determinados aspectos no texto (Beaugrande, 1997; Marcuschi, 1998; Koch; Elias, 2009). Ele pode ajudar na análise dessa interação entre sujeitos via texto, além de demonstrar como se dá o processo de argumentação e, conforme afirma Fiorin, já “é um lugar-comum na linguística atual a afirmação de que a argumentatividade é intrínseca à linguagem humana e de que, portanto, todos os enunciados são argumentativos.” (FIORIN, 2015, p. 15).

Existem diferentes taxonomias que propõem a categorização do metadiscorso, mas, como ressalta Hyland (2005a), elas costumam ter como base a categorização proposta por Vande Kopple (1985). Apresen-

tou-se apenas a categorização de Hyland, pois ele trabalha com gêneros acadêmicos e nosso trabalho também se dá nessa direção.

Além da importância teórica do modelo de Hyland, deve-se enfatizar que ele pode contribuir para a evolução e desenvolvimento da habilidade da escrita de alunos. O processo de observação da escrita de outros e da sua própria escrita pode levá-los a um maior grau de letramento acadêmico, por exemplo.

Cabe ressaltar ainda que essas categorias podem ser vistas separadamente nos textos. Em muitos artigos, Hyland faz a análise separada das categorias em artigos, dissertações, teses e entrevistas da esfera acadêmica em diferentes áreas do conhecimento (HYLAND 2002, 2003 e 2009).

Espera-se, através desse trabalho de revisão dos trabalhos de Hyland, inspirar novas pesquisas teóricas e práticas sobre os estudos do metadiscorso em diferentes esferas sociais e a partir de diferentes gêneros textuais/discursivos.

Recentemente, vários pesquisadores também se dedicaram a estudos parecidos com os de Hyland : Hu; Cao, (2015), Kwan; Chan (2014). Percebe-se se tratar de um vasto campo de pesquisa que ainda precisa ser repensado em português, devido aos poucos trabalhos realizados com essa língua. Além disso, oferece uma base teórica substancial para quem quer estudar as relações linguísticas que envolvem escritor e leitor na produção e leitura de gêneros textuais/discursivos, principalmente, os acadêmicos.

## REFERÊNCIAS

ADEL, Annelie. **Metadiscourse in L1 and L2 English**. Philadelphia: John Benjamins. 2006.

AMIRYUSEFI, Mohammad; RASEK, *Abbass Eslami*. Metadiscourse: definitions, issues and its implications for English teachers. **English language teaching**, v. 3, n.4, 2010, p. 159-167. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1081977.pdf> . Acesso em: 12 jan. 2016.

BEAUGRAND, Robert de. **New foundations for a Science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society**. Norwood, New Jersey: Ablex, 1997.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Metadiscursividade, argumentação e referenciação. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 38, 1998, p.345-354.

CRISMORE, Avon. **Talking with readers: metadiscourse as rhetorical act**. New York: Longman, 1989.

CRISMORE, Avon; FARSNWORTH, Rodney. Metadiscourse in Popular and Professional Science Discourse. In: W. NASH (ed.), **The Writing Scholar: Studies in Academic Discourse**. Newbury Park, Sage, 1989.

FARIA, Maria da Graça dos Santos. **A metadiscursividade em redações dissertativas de vestibulandos**. Fortaleza, 2009.117 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará. Departamento de Letras Vernáculas, 2009.

FLOWERDEW, John. Revisiting metadiscourse: conceptual and methodological issues concerning signaling nouns. **Ibérica**, v. 29, p.15-34, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/281959046\\_Revisiting\\_metadiscourse\\_Conceptual\\_and\\_methodological\\_issues\\_concerning\\_signalling\\_nouns](https://www.researchgate.net/publication/281959046_Revisiting_metadiscourse_Conceptual_and_methodological_issues_concerning_signalling_nouns). Acesso em: 30 jan. 2017.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in spoken and written English**. Longman: Londres, 1976.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HARRIS, Randy Allen. Rhetoric of science. **College English**, v 53, 1959, p. 282-307.

HYLAND, Ken. Persuasion and Context: the pragmatics of academic metadiscourse. In: **Journal of curriculum studies**. Vol. 30, 1998a, p. 437-455. Disponível em:< <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378216698000095>>. Acesso em 10 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Directives: argument and engagement in academic writing. **Applied Linguistics**, v.23, 2002, p.215-239. Disponível em: < [http://www2.caes.hku.hk/kenhyland/files/2012/08/Directive\\_arguments-and-engagement-in-academic-writing.pdf](http://www2.caes.hku.hk/kenhyland/files/2012/08/Directive_arguments-and-engagement-in-academic-writing.pdf)>. Acesso em: 30 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Self-citation and self-reference: credibility and promotion in an academic publication. **Journal of the American society for information science and technology**, v. 54, 2003, p.251-259. Disponível em:< [https://www.researchgate.net/publication/220435626\\_Self-citation\\_and\\_Self-reference\\_Credibility\\_and\\_Promotion\\_in\\_Academic\\_Publication](https://www.researchgate.net/publication/220435626_Self-citation_and_Self-reference_Credibility_and_Promotion_in_Academic_Publication)>. Acesso em: 08 dez. 2016.

Metadiscorso  
na perspectiva  
de Hyland

\_\_\_\_\_. **Metadiscourse**: exploring interaction in writing. Continuum: Londres, 2005a.

65

\_\_\_\_\_. Stance and engagement: a model of Interaction in Academic Discourse. In: **Discourse Studies**. Sage publications, 2005b. Disponível em: < [http://www2.caes.hku.hk/kenhyland/files/2012/08/Stance-and-engagement\\_a-model-of-interaction-in-academic-discourse.pdf](http://www2.caes.hku.hk/kenhyland/files/2012/08/Stance-and-engagement_a-model-of-interaction-in-academic-discourse.pdf)>. Acesso em: 08 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Writing in the disciplines: research evidence for specificity. **Taiwan International ESP Journal**, v.1, 2009, p.5-22. Disponível em:< [https://www.researchgate.net/publication/267817913\\_Writing\\_in\\_the\\_disciplines\\_Research\\_evidence\\_for\\_specificity](https://www.researchgate.net/publication/267817913_Writing_in_the_disciplines_Research_evidence_for_specificity)>. Acesso em: 20 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Disciplinary identities**: individuality and community in academic discourse. Cambridge: Cambridge, 2012.

HYLAND, Ken; TSE, Polly. Metadiscourse in academic writing: A reappraisal. **Applied linguistics** 25, v. p. 156-177. Disponível em: < [https://www.researchgate.net/publication/31418041\\_Metadiscourse\\_in\\_Academic\\_Writing\\_A\\_Reappraisal](https://www.researchgate.net/publication/31418041_Metadiscourse_in_Academic_Writing_A_Reappraisal)>. Acesso em: 12 dez. 2016.

HU, Guangwei; CAO, Feng. Disciplinary and paradigmatic influences on interactional metadiscourse in research articles. **English for academic purposes**, v.39, p.12-25, 2015. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0889490615000216>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

KWAN, Becky Siu Chu; CHAN, Hang. An investigation of source use in the results and the closing sections of empirical articles in information systems: in search of a functional-semantic citation typology for pedagogical purposes. **Journal of English for Academic Purposes**, v.14, p. 29-47, 2014.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

Adriana da  
Silva

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: contexto, 2009.

66

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

PINTON, Francieli Matzembacher. O jornalista, o especialista e professor leitor: relações diretivas na revista Nova Escola. **E-escrita**. Nilópolis, v.4, n.2, Especial, 2013. Disponível em: <http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/view/715>. Acesso em: 10 jan. 2017.

ROCHA, Silmara Ferreira da. **Funções discursivas dos marcadores metadiscursivos no gênero carta ao leitor**. Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará – UFC, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística. 2011. 105f.

SILVA, Carla Luciana. A Carta ao Leitor de *Veja*: um estudo histórico sobre editoriais. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.32, n.1, p. 89-107, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/239/232>. Acesso em: 12 jan. 2017.

VANDE KOPPLE, William. Some exploratory discourse on metadiscourse. In: **College Composition and Communication**, v. 36, 1985, p. 82-93. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/357609?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/357609?seq=1#page_scan_tab_contents). Acesso em 10 dez. 2016.

VIAN JR., Orlando. Sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 25:1, p. 99-129, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v25n1/a04v25n1.pdf>>. Acesso em 10 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. Avaliatividade, engajamento e valoração. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (Online), v. 28, p. 105, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/19503/14457>>. Acesso em 10 fev. 2017.

WILLIAMS, Joseph M.. *Style: Tem lessons in clarity and Grace*. Glenview, IL: Scott Foresman, 1985.

*Metadiscorso  
na perspectiva  
de Hyland*

---

67

*Recebido em 06 de março de 2017.*

*Aceito em 05 de maio de 2017.*

